

# LETRAMENTO LITERÁRIO E RACISMO: UMA EXPERIÊNCIA COM “PIXAIM” E “TAPETE VOADOR” DE CRISTIANE SOBRAL NO ENSINO MÉDIO

Maria Walkiria Virgulino<sup>1</sup>  
Marcelo Medeiros<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo buscamos refletir sobre a importância do letramento literário no ensino médio, a partir das ações desenvolvidas no âmbito do subprojeto de Letras/Língua Portuguesa do Programa de Residência Pedagógica do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, em uma turma do 1º Ano do Ensino Médio, da Escola Cidadã Integral José Leite de Souza na cidade de Monteiro-PB. Para esse relato de experiência, escolhemos descrever as aulas voltadas para a temática do racismo a partir dos contos “*Pixaim*” e “*Tapete Voador*”, da autora Cristiane Sobral. Para elaboração dos materiais que subsidiaram a construção de uma sequência didática básica, fizemos o uso dos estudos de Cosson (2006), (2020), Solé (2006) e Lino de Araújo (2006). Dentro dos resultados alcançados, pudemos perceber a importância de tratar o texto literário não como um pretexto para o ensino de Língua, mas como um conteúdo, isso nos concedeu contribuições significativas em sala de aula, pois além de proporcionar uma mudança no paradigma moral-gramatical, outorgou-nos também a oportunidade de levar os alunos a refletirem sobre as problemáticas presentes dentro dos textos, a partir das suas vivências cotidianas, assim, conseguimos ampliar os esquemas de conhecimento dos alunos por meio do texto literário.

**Palavras-chave:** Letramento Literário; Formação de Leitores; Sequência Didática.

## INTRODUÇÃO

A literatura desenvolve um papel fundamental na vida dos sujeitos, visto que atua na formação pessoal e social dos indivíduos, possibilitando que estes construam e reconstruam visões e realidades, tornando-se pessoas humanizadas e humanizadoras. Dessa forma, a leitura literária age na formação dos indivíduos e, por isso, carece de espaço na sala de aula a fim de educar cidadãos para a vida em sociedade.

Durante as ações executadas no Programa Residência Pedagógica buscamos desenvolver atividades que pudessem privilegiar a leitura, com o objetivo de ampliar os horizontes de expectativas dos alunos e a sua visão sobre a realidade que os cerca. Nesse relato, iremos apresentar apenas uma experiência entre as muitas desenvolvidas ao longo de 11 meses como bolsista do subprojeto de Língua Portuguesa vinculado ao Programa de Residência Pedagógica do curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Graduação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, e-mail: [maria.virgulino@aluno.uepb.edu.br](mailto:maria.virgulino@aluno.uepb.edu.br)

<sup>2</sup> Professor Orientador: Doutor em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba e docente da Universidade Estadual da Paraíba, onde atua no curso de Letras do campus VI no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) ambos no campus I e-mail: [marcelomedeiros@servidor.uepb.edu.br](mailto:marcelomedeiros@servidor.uepb.edu.br)



Estadual da Paraíba. A nossa experiência ocorreu em uma turma do 1º Ano do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral José Leite de Souza, Monteiro-PB.

Para essa prática, elaboramos uma Sequência Didática (SD) básica voltada para a temática do racismo, o qual estava mimetizado nos contos *Pixaim* e *Tapete Voador* da autora Cristiane Sobral. As ações foram pensadas e executadas com o intuito de conduzir os alunos a refletirem sobre a problemática do racismo, seja esse vivenciado pelos estudantes ou visto ocorrências com alguém. Para tal, nos baseamos nos estudos de Cosson (2006), (2020), Solé (2014) e Lino de Araújo (2014).

## UMA REFLEXÃO SOBRE O LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA

A leitura está presente em todas as instâncias da vida do sujeito e um dos lugares em que ela se faz ativa é na escola. No entanto, a sua abordagem nem sempre foi a correta, Cosson (2020) pontua que a leitura, quando começou a ser ensinada, tinha o intuito de apontar para um ensino língua/literatura que se restringia apenas às regras gramaticais. Para isso, recorria-se aos textos de escritores renomados.

Essa abordagem evidencia um enfoque em uma única forma correta de falar e em apenas uma vertente da literatura, o cânone literário. Em virtude disso, a leitura foi vista, e em muitos casos ainda é considerada, como algo cansativo e chato, visto que é abordada como um procedimento metodológico e não como um conteúdo que precisa ser explorado em sala de aula pelos professores (Ferrarezi Jr e Carvalho, 2017). Por conta disso, quando é levada para sala de aula, nesses moldes, perde seu papel formador e emancipador, já que as propriedades semânticas e estéticas do conteúdo textual não são explanadas.

Um ensino que visa a uma única visão de língua e assegura espaço apenas para escritores renomados repassa para seus alunos uma cultura elitista e deixa de lado as vozes de minorias que usam da literatura para romper ideologias disseminadas na sociedade ao longo dos séculos. Com isso, é pertinente a troca de paradigmas nas aulas de língua portuguesa, em que a abordagem da literatura deixe de ser um procedimento e possa ser um espaço em que assumimos

“o lugar do outro sem deixar de ser nós mesmos, rompemos com os limites do tempo e do espaço da realidade histórica em que estamos irremediavelmente presos, significados e ressignificados nossa vida e nosso mundo em outras tantas vidas e mundos” (Roland, 1980 apud, Cosson, 2020. p. 179)

Dessa maneira, os textos, além de contribuírem para formação integral do sujeito, permitiriam que a escola rompesse visões e padrões de preconceitos (pré)estabelecidos no

ensino e na sociedade. Para que isso ocorra, Solé (2014) pontua a necessidade de um ensino de leitura em que o professor parta daquilo que o aluno já sabe, visto que isso permitirá ao docente partir das vivências dos discentes, para a partir disso, romper com o horizonte de expectativas.

Lino de Araújo (2014) ressalta que para o aluno ter seus esquemas de conhecimentos acessados, desenvolvidos e aprimorados é importante que as atividades de leitura ou de análise linguística sejam trabalhadas de forma progressivas, passando por três níveis: básico, intermediário e avançado, como é possível observar na figura abaixo:

**Imagem 1:** Níveis de complexidade.

NÍVEIS DE COMPLEXIDADE	DOMÍNIOS	VERBOS RELACIONADOS
Básico	<b>(Re)CONHECIMENTO:</b> capacidade de identificação das propriedades fundamentais dos objetos de conhecimento apreendido.	Identificar, Nomear, Assinalar, Citar, Relacionar, Completar, Observar.
	<b>COMPREENSÃO:</b> indicação de elementos que dão significado ao objeto de conhecimento, sua composição, finalidade, características, etc.	Explicar, Descrever, Caracterizar.
Intermediário	<b>APLICAÇÃO:</b> transposição da compreensão de um objeto de conhecimento em, caso específico, situação problema etc.	Resolver, Aplicar (com base no texto), Transformar, Explicar.
	<b>ANÁLISE:</b> percepção da inter-relação entre um todo e suas partes	Analisar, Examinar, Decompor (sentença), Escandir.
	<b>SÍNTESE:</b> reorganização das partes de um todo.	Resumir, Generalizar.
Avançado	<b>AVALIAÇÃO:</b> emissão de um juízo de valor sobre análises e sínteses efetuadas	Julgar, Justificar, Apresentar argumentos.

**Fonte:** Lino de Araújo (2014, p.24) com base em Bloom.

A sequência didática básica apresentada por Cosson (2006) é um dos meios em que cada um dos níveis apresentados pela autora pode ser atingido. Em um primeiro momento, o autor traz a etapa da motivação, em que antes dos alunos terem contato com o texto literário, precisam primeiro inferir proposições sobre o mesmo. Nesse momento, o professor consegue acessar o nível básico de conhecimento dos alunos por meio de dinâmicas, do título, de imagens e etc. Por meio do momento de motivação, o professor já insere o aluno em um ambiente de interpretação e compreensão, partindo sempre do que eles já sabem.

Dessa forma, é indispensável que as obras trabalhadas em sala estejam alinhadas com a realidade do aluno, logo, é necessário que a problemática mimetizada no texto, possa ser vista ou conhecida pelos discentes. Cosson (2006) apresenta como segundo procedimento metodológico a leitura do texto literário, de forma que o aluno possa lê-lo na íntegra, visto que muitos professores, presos em sua prática engessada e no livro didático, trazem para os alunos trechos dos gêneros literários e não ele todo (Solé, 2014).

O autor destaca também a importância de efetuar pausas durante a leitura, a fim de em momentos estratégicos, o professor realizar as ações apontadas por Lino de Araújo (2014) nos níveis básicos como, por exemplo, o reconhecimento de aspectos presente no texto que esteja

relacionados com a realidade dos alunos, seja por meio de questionamentos gerais ou por análise de comportamentos de personagens específicos.

Esse procedimento já apresenta avanços no que diz respeito ao paradigma tradicional de ensino, visto que muitas vezes, as questões feitas em sala de aula sobre o texto não passavam de uma mera interpretação da superfície textual. Além disso, esse momento pode se tornar intertextual, pois o professor pode, em uma dessas pausas, trazer outros gêneros textuais e pedir que os alunos estabeleçam conexões entre eles.

A respeito do desfecho da história e dos personagens, o docente pode ainda examinar com seus alunos a influência de fatores externos como a sociedade e como isso pode influenciar diretamente nas decisões dos personagens. Com isso, o professor consegue acessar o nível cognitivo intermediário dos alunos, visto que eles iriam, por meio do que vivem e viveram analisar, explicar, aplicar e resumir os porquês de alguns acontecimentos na narrativa.

Cosson (2006) traz como último ponto de esquema metodológico, a quebra do horizonte de expectativas, em que os alunos estão habituados com algo, mas esse algo pode ser ampliado e moldado, trazendo assim, uma nova visão da realidade, podendo criar argumentos distintos a partir das discussões que foram desenvolvidas em sala de aula com a turma. O juízo de valor pode ser aplicado por meio de atividades escritas ou orais, mas que permitam os alunos expressar novas concepções sobre algo que eles carregavam. Desse modo, o nível avançado exposto por Lino de Araújo (2014) seria completado, pois os alunos materializariam seus conhecimentos com essas atividades.

## A FORMAÇÃO DO JOVEM LEITOR NO ENSINO MÉDIO

Nesta seção, iremos relatar as aulas executadas em uma sala de aula do 1º Ano G do Ensino Médio na Escola Cidadã Integral José Leite de Souza. A nossa SD foi pensada para 9h aulas com a temática do racismo. No primeiro momento, realizamos a motivação antes da leitura do conto Pixaim, de **Cristiane Sobral**. Pedimos que os alunos se dividissem em duplas, para que explicássemos a dinâmica “Rótulo na Testa”.

Chamamos a primeira dupla e dissemos a eles que um iria ficar com um papel na testa, sem saber o que era e para descobrir teriam que prestar atenção na forma como o outro se comportava. Na primeira equipe, veio o casal da sala, a menina foi quem ficou com o papel e o seu rótulo era “sou inferior”, a orientação que demos ao seu namorado foi “ignore-me”.

Quando ela tentou conversar com ele, ele simplesmente a ignorou e ela ficou muito brava, porque não entendia em nenhum momento o porquê ele estava agindo daquela forma.

Isso a fez se estressar ainda mais com ele. Desse modo, conseguimos cumprir o nosso objetivo com a dinâmica, que era para os alunos compreenderem que em muitos momentos somos estereotipados sem termos consciência disso.

Na aula seguinte, apresentamos uma breve biografia sobre Cristiane Sobral, entregamos uma cópia para os alunos e narramos que ela era uma escritora negra e escrevia sobre as lutas da mulher negra. Após isso, fizemos uma nuvem de palavras no quadro, em que perguntamos para eles o que entendiam pela palavra “pixaim”. Muitos disseram que era “escravização”, cabelo, preconceito, racismo e etc.

Feito isso, partimos para a leitura do conto, esta foi feita coletiva. Não precisamos pedir que alguém lesse o conto, eles se voluntariaram e iniciaram a leitura coletiva. Dividimos o conto em dois momentos, para que pudéssemos parar no meio do texto, a fim de recuperar certos pontos da história. No final da leitura, a turma começou a relatar suas próprias experiências sobre o preconceito que eles ou alguém próximo a eles já vivenciaram por conta do cabelo.

Uma aluna nos relatou que a sua família já tinha alisado o seu cabelo, mesmo ela não querendo, assim como a mãe da personagem principal do conto Pixaim fez com ela. Um outro menino também contou que já sofreu preconceito por conta da sua cor. Muitos alunos se voluntariaram para contar suas vivências, não precisamos indagá-los ou perguntar: “Mais alguém?” Eles simplesmente se sentiram à vontade para relatar.

A forma como os alunos interagiram conosco neste conto, nos mostrou como eles gostaram da história, todos estavam empenhados em participar. Sem dúvidas foi uma das melhores aulas, em virtude da participação da turma. A terceira aula foi destinada para os alunos escreverem nos diários de leitura a sua experiência com o conto.

A experiência com o diário de leitura foi significativa, já que nesse gênero textual os alunos possuem mais liberdade para escreverem sobre suas impressões pessoais a respeito da leitura, como por exemplo se gostaram ou não do texto, qual personagens lhe chamou mais atenção e etc. Isso, por sua vez, nos permitiu deixar a turma mas à vontade, logo, não tinha pressão para escrever, deixamos a turma à vontade.

Em contrapartida, muitos disseram “mas não vale nenhum visto?”, essa fala e algumas outras rememoram e enfatizam um ensino de língua direcionado a fazer atividades para ganhar nota e não em virtude dos frutos que essa experiência pode proporcionar. Na quarta aula, “iludimos” os alunos, levamos uma caixa para cada estudante embrulhada em papel de presente. Com isso, perguntamos o que eles achavam que tinha nas caixas, muitos disseram que era comida e livro. Perguntamos também se éramos do mesmo jeito por dentro e por fora.

Quando realizamos as perguntas, pedimos que cada um pegasse uma caixa, eles realmente pensavam que tinha algo e as expressões de cada um deles foi muito interessante. Apesar de termos “enganado” a turma, o objetivo era que eles percebessem que não somos da mesma forma por dentro e por fora. Conseqüentemente, acabamos julgando e sendo julgados pela aparência. Feito isso, escrevemos o título do conto “Tapete Voador” no quadro e realizamos inferências sobre o que trataria a narrativa, a grande maioria das respostas era que trataria sobre questões relacionadas às histórias das Disney.

Em último momento da aula, pedimos que a turma desenhasse e contasse uma breve história a partir do título. Nessa etapa alguns alunos resistiram, pois ponderavam que não tinham habilidades de escrita e de desenho, um aluno ainda nos perguntou qual a necessidade disso, ainda pensamos em responder à pergunta, mas ficamos quietas e esperamos o momento oportuno para explicar o porquê da atividade. Conversamos com a turma e todos fizeram.

Iniciamos a aula lendo o conto com os alunos. Para tal, dividimos a leitura em dois momentos. Na primeira pausa, realizamos perguntas de interpretação sobre alguns personagens e, sobretudo, sobre qual eles achavam, pela leitura feita até ali e pelo conhecimento de mundo deles, qual seria o motivo do chefe de Bárbara ter pedido para se encontrar com ela, as respostas foram direcionadas para promoção no emprego.

Continuamos a leitura e no final eles se surpreenderam com o final e como foi medíocre a atitude do chefe de Bárbara. Aproveitamos o momento para refletirmos juntos sobre como os negros tiveram as suas identidades apagadas ao longo da vida, fato esse que disseminou o racismo na nossa sociedade, permitindo que este se tornasse estrutural, visto que a nossa história foi contada a partir de uma visão elitista europeia.

Todavia, ponderamos com os alunos sobre o sangue negro que foi derramado na construção da nação brasileira, mas que esse ato não foi valorizado, pois a literatura serviu por muito tempo para esconder a verdadeira história. Para chegarmos a esse entendimento com a turma, comparamos a trajetória do dono da empresa e a trajetória de Bárbara pensando nas lutas que cada um enfrentou.

Além disso, pontuamos com os discentes o que cada personagem representava no conto, Bárbara como aquela que simboliza muitos que lutaram por espaço sem negar a sua identidade e o seu chefe como aquelas pessoas que conseguem algo na vida negando quem são. Ainda nessa aula, pedimos que os alunos lessem suas histórias feitas na motivação e aproveitamos esse momento para explicarmos aos alunos que quando pedimos algo para eles, não é de modo aleatório e sim, porque temos um objetivo por trás. Quando eles compartilharam a história do

tapete voador, muitas narrativas se assemelhavam com a história da Disney e isso é reflexo da forma como somos ensinados.

Em um último momento desta aula, entregamos as caixas aos alunos, usadas no momento de motivação, para que eles colocassem dentro da caixa algumas palavras como fé, medo, confiança, coragem e etc., as quais serviriam para eles no futuro. Esse momento foi interessante, porque alguns alunos são mais reservados, mas quando perguntamos o porquê dessas escolhas, eles começaram a contar um pouco daquilo que afligia eles.

Nessa aula nós trouxemos para o primeiro momento o slam “A menina que nasceu sem cor” e queremos destacar a nossa surpresa em todas as vezes que apresentamos alguns slams em sala de aula, pois a turma sempre reagiu bem, muito mais do que quando trouxemos músicas atuais para eles. No último momento da aula, pedimos que os alunos escrevessem a sua experiência no diário de leitura e pela primeira vez sentimos que eles estavam mais livres com a escrita.

Nessa aula, pedimos que os alunos se dividissem em quatro grupos e entregamos quatro capítulos do livro de Djamila “Pequeno Manual Antirracista”, para eles lerem e depois compartilharem com a turma suas impressões. Na última aula, entregamos um simulado para os alunos com questões do Enem e outros vestibulares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante essa experiência, percebemos como esse momento é único para a construção da identidade docente, pois nos permite experimentar um pouco da realidade que vamos vivenciar no futuro. Consideramos que a nossa prática permitiu que os estudantes pudessem ter contato com textos literários e gêneros que fossem além da sala de aula e, assim, despertar novos interesses nesses sujeitos.

Dessa maneira, conseguimos chamar a atenção da turma em muitos momentos das aulas, por meio dos materiais que apresentamos a eles, buscamos partir sempre do que os alunos já sabiam. Nosso intuito era ativar os níveis básicos de conhecimento, para a partir disso ampliá-los e acreditamos que conseguimos

Além disso, o programa evidenciou a importância dos bastidores na prática docente, apesar de ser um momento que poucos veem é ele que acaba determinando boa parte daquilo que é executado em sala. Assim, conseguimos ter um limiar de como elaborar os materiais didáticos e observamos na prática teorias que antes tínhamos apenas observado em linhas teóricas.

Nesses 11 meses, sentimos um pouco o que é ser docente, sobretudo a responsabilidade que isso significa. Temos vidas em nossas mãos que precisam adquirir certos conhecimentos, mas temos também seres humanos com sentimentos que estão em momentos de transições e de descobertas. Percebemos como a literatura é muito mais que um conteúdo pragmático de língua portuguesa, pois ela atua em uma área humanizadora.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. **Enunciados de Atividades e Tarefas Escolares: modos de fazer**. Olinda, 2014.

ARAÚJO, Denise Lino de. FERREIRA, Elisa Amorim. CARVALHO, Aluska Silva. **Língua e Literatura no ensino médio: propostas**. - 2 ed. Campina Grande:EDUFPG, 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da Literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. – 6. ed. – Porto Alegre: Penso, 2014.